

**Editores**

Ceci Maria Costa Baptista Mariani,  
Breno Martins Campos

**Conflito de interesse**

Não há conflito de interesse.

**Recebido**

9 nov. 2024

**Versão final**


24 abr. 2025

**Aprovado**

7 maio 2025

# Afrahat (Afrates), o sábio persa, e suas Demonstrações

## *Aphrahat, the Persian Sage, and his Demonstrations*

Cláudio Vianney Malzoni<sup>1</sup> 

<sup>1</sup> Universidade Católica de Pernambuco, Escola de Educação e Humanidades, Programa de Pós-graduação em Teologia. Recife, Pernambuco, Brasil. E-mail: <cvmalzoni@hotmail.com>.

**Como citar este artigo:** Malzoni, C. V. Afrahat (Afrates), o sábio persa, e suas Demonstrações. *Reflexão*, v. 50, e2514822, 2025. <https://doi.org/10.24220/2447-6803v50a2025e14822>

### Resumo

O objetivo deste texto é tornar conhecido, para o público em língua portuguesa, a figura de Afrahat (ou Afrates), o sábio persa, autor de um conjunto de escritos conhecidos como *Demonstrações*. Ele viveu no século IV, em território persa, de língua siríaca, sob o domínio do Império Sassanida, em condições desfavoráveis ao cristianismo, identificado com o Império Romano, cujos confins, por esse tempo, chegavam à Mesopotâmia e constituíam uma barreira para as ambições expansionistas de Sapor II. A pesquisa foi essencialmente bibliográfica. As *Demonstrações* constituem um importante documento para a história do cristianismo de então e, de modo particular, para o estudo do texto bíblico em circulação nas regiões de língua siríaca na Mesopotâmia e na Pérsia, sobretudo, para o texto do evangelho, uma vez que Afrahat o cita predominantemente a partir da Harmonia Evangélica Siríaca, herdeira direta do Diatessaron de Taciano.

**Palavras-chave:** Afrahat. Cristianismo siríaco. Harmonia Evangélica Siríaca. Literatura Siríaca. Sábio persa.

### Abstract

*The purpose of this text is to make known, to the Portuguese language public, the figure of Aphrahat, the Persian Sage, author of a set of writings known as Demonstrations. He lived in the fourth century, in Syriac-speaking Persian territory, under the domination of the Sassanid Empire, in conditions unfavorable to Christianity, identified with the Roman Empire, whose confines, at that time, reached Mesopotamia and constituted a barrier to the expansionist ambitions of Shapur II. The Demonstrations constitute an important document for the history of Christianity at that time and for the study of the biblical text in circulation in the Syriac-speaking regions of Mesopotamia and Persia, especially for the text of the gospel, since Aphrahat quotes it predominantly from the Gospel Syriac Harmony, direct heir to the Diatessaron of Tatian.*

**Keywords:** Aphrahat. Syriac Christianity. Gospel Syriac Harmony. Syriac Literature. Persian Sage.

### Introdução

Dentre as figuras de maior destaque da literatura cristã siríaca está Afrahat (ou Afrates), o sábio persa. Ele escreveu um conjunto de 22 tratados organizados em

ordem alfabética, pela primeira letra de cada um deles, e ainda mais outro, intitulado “Em um cacho de uvas” (Is 65,8). Esses tratados, escritos de 336 a 344 A. D., ficaram conhecidos com o nome de *Demonstrações*<sup>2</sup>. Seu autor não revelou sua identidade. As notícias a seu respeito, inclusive seu nome, são posteriores a ele. Elas se encontram em autores siríacos posteriores e nos manuscritos que conservaram sua obra. Um traço comum a todas essas notícias é o epíteto de “sábio persa”, usado como referência ao autor das *Demonstrações*.

Afrahat é um escritor patrístico pouco conhecido fora do círculo de estudiosos do cristianismo siríaco. Ele, no entanto, é uma figura de primeira grandeza entre os escritores siríacos, atrás somente da grande estrela desse universo que é Efrém de Nisibe.

A audiência geral de 21 de novembro de 2007, do então papa Bento XVI, teve como tema “Afrates, o sábio persa”. Na ocasião, o Papa afirmou que

as comunidades sírias do século IV representam o mundo semítico do qual saiu a própria Bíblia, e são expressão de um cristianismo cuja formulação teológica ainda não entrou em contacto com correntes culturais diversas, mas vive em formas próprias de pensamento [...] Gostaria de apresentar este mundo através da grande figura de Afrates, conhecido também com o apelido de “Sábio”, uma das personagens mais importantes e ao mesmo tempo mais enigmáticas do cristianismo sírio do século IV (Bento XVI, 2007, p. 1).

O propósito deste texto é justamente procurar tornar Afrahat menos desconhecido, colocando em destaque sua obra e seu modo de fazer exegese. Paralelamente, as *Demonstrações* de Afrahat também são importantes como testemunha da Harmonia Evangélica Siríaca, que, por sua vez, remonta ao Diatessaron de Taciano.

A fim de atingir tal finalidade, o presente texto está construído em duas partes. A primeira apresenta o autor e sua obra. A segunda aborda as características da exegese bíblica praticada por Afrahat, o sábio persa, em suas *Demonstrações*.

## Afrahat e as *Demonstrações*

As *Demonstrações (tahwyâtâ)* do Sábio persa estão entre as principais obras da literatura siríaca. Elas formam um conjunto de 22 tratados organizados em ordem alfabética, pela primeira letra de cada um deles, e mais um intitulado “Em um cacho de uvas” (Is 65,8) acrescentado pelo próprio autor.

A data da composição desse escrito é conhecida. O primeiro conjunto, formado pelas *Demonstrações I-X*, foi escrito no ano 648 dos gregos, ou 336/7 da era cristã; o segundo conjunto, formado pelas *Demonstrações XI-XXII*, no ano 655 dos gregos, 35º ano de Sapor II, rei da Pérsia, ou 343/4 da era cristã. Quanto à última, de acordo com o próprio autor, ela foi composta no ano 656 dos gregos, 36º de Sapor II, no 5º ano após seu edito de perseguição aos cristãos, ou seja, em 345 da era cristã. Para a XIV *Demonstração*, também chamada de “carta sinodal”, há uma data ainda mais precisa: o mês de *šbât* do ano 655 dos gregos, o 34º de Sapor II, que corresponde a fevereiro/março de 344 da era cristã<sup>3</sup>. Ademais, essas datas são confirmadas pelas alusões a situações contemporâneas, especialmente nas *Demonstrações V* e XIV.

Quanto ao autor, ele não revelou sua identidade. As notícias disponíveis a seu respeito, inclusive seu nome, são todas posteriores a ele. Elas se encontram, de uma parte, em autores

<sup>2</sup> Em português, para o nome do autor em questão, podem ser encontradas as formas Afrahat ou Afrates. Neste trabalho, será dada preferência à forma Afrahat. Para sua obra, encontram-se os nomes *Demonstrações e Exposições*. Será dada preferência ao nome *Demonstrações*.

<sup>3</sup> Estas indicações se encontram respectivamente nas *Demonstrações V,5; XXII,25; XXIII,69; XIV,50*. Neste trabalho, foi usada a edição de Parisot, J. *Aphraatis Sapientis Persae Demonstrationes*. Patrologia Syriaca I,1 – 1894; I,2 – 1907.

siriacos posteriores e, de outra, nos manuscritos que conservaram sua obra. Um traço comum entre essas notícias é o epíteto de “sábio persa”, usado desde tempos antigos como uma referência ao autor das *Demonstrações*.

O primeiro a citar as *Demonstrações* foi Jorge dos Árabes († 724). Em uma de suas cartas, ele trata da autoria desse escrito e de algumas questões teológicas que coloca. O autor, ele o identifica como “o sábio persa”. Mas quem foi esse sábio: seu nome, onde viveu e se desempenhou algum cargo na igreja, nada disso é possível dizer com segurança. O autor guarda silêncio sobre si e outras notícias a seu respeito são inexistentes. Pela leitura de sua obra, Jorge dos Árabes concluiu que se trata de alguém com uma inteligência aguda e assíduo na leitura das Escrituras, um solitário, isto é, um tipo de monge de seu tempo, e que pertenceu ao clero. Quanto à opinião de alguns de que tenha vivido em Nisibe, nada pode ser provado por seus escritos. Quanto à informação de que tenha sido discípulo de Efrém, nada mais falso, dado que, quando este começou a compor suas obras, o autor das *Demonstrações* era já um ancião (Baarda, 1975; Parisot, 1894; Pierre, 1988; Wright, 1869).

Quanto aos manuscritos que conservaram as *Demonstrações*, a designação de “sábio persa” é a única que aparece nos manuscritos A e B. Essa é também a única maneira de se referir ao autor das *Demonstrações* em Išodad de Meru, no século IX, e em Miguel, o sírio, no século XII (Pierre, 1988).

Este “sábio persa”, no entanto, também foi conhecido por um nome. No final do manuscrito B, na parte que traz o segundo conjunto das *Demonstrações*, o amanuense escreve ter concluído “o epistolário de Mar Jacó, o sábio persa”. Esse nome também aparece no *Suplemento* de Genádio, composto em fins do século V, ao *De Viris Illustribus*, de Jerônimo († 420), onde há uma referência a Jacó, cognominado sábio, bispo de Nisibe, que escreveu um certo número de tratados. Essa mesma identificação do autor das *Demonstrações* com Jacó, bispo de Nisibe reaparece na tradução armênia da obra. Ela parece ter sido aceita e se difundido a partir do século V. Contribuiu para isso o fato de Jacó, o bispo de Nisibe, e o autor das *Demonstrações* terem sido contemporâneos. Jacó, no entanto, morreu por volta de 338, quando Nisibe ainda estava sob domínio romano e apenas o primeiro conjunto das *Demonstrações* tinha sido escrito (Baarda, 1975; Pierre, 1988; Wright, 1869).

O “sábio persa” também foi conhecido pelo nome de Afrahat, cuja primeira atestação se encontra no “Léxico siro-árabe”, de Abul Hasan bar Bahlul († 963). Ele se refere a um certo Afrahat (*ʿprhṭ*) que, segundo a tradição, é o sábio persa. No século seguinte, a “Crônica de Seert” apresenta uma lista das personagens ilustres dos tempos de Papa († 329 ou 335), bispo de Selêucia-Ctesifonte, entre as quais figura Afrahat, o sábio persa. Nessa mesma época, Elias bar Šinaya († 1049) ao citar uma passagem da XXIII *Demonstração*, afirma que ela foi escrita pelo sábio persa, Afrahat. No século XIII, Gregório bar Hebreus († 1286), em sua “Crônica Eclesiástica”, também se refere aos tempos de Papa, quando o sábio persa se tornou conhecido. Seu nome era *Farhâd* (*frhʿd*) e ele escreveu um livro de exortações e 22 cartas segundo as letras do alfabeto. Uma notícia semelhante se encontra no “Catálogo de autores eclesiásticos”, de Abdišo de Nisibe († 1318): Afrahat, o sábio persa, compôs 2 volumes de homilias, segundo as letras do alfabeto (Baarda, 1975; Pierre, 1988; Wright, 1869).

O nome Afrahat ou Farhad é, de fato, de origem persa. Em alguns textos gregos, este nome aparece de forma transliterada: *Afraátēs*, como nome de cristãos do Oriente. Contudo, a tradição que dá este nome ao autor das *Demonstrações* é tardia e é impossível saber de onde Abul Hassan tirou sua informação a este respeito (Baarda, 1975; Pierre, 1988).

Há ainda outro manuscrito, datado de 1364 (ms. C), obra de um autor anônimo, que contém uma longa citação da XXIII *Demonstração*, referindo-se a seu autor como “o sábio Afrahat, que é

<sup>4</sup> “Mar” é uma palavra siríaca que significa *senhor* e, conforme o contexto, equivale a *são, santo*.

Jacó, o dignitário de Mar Mattay”. Essa informação combina as duas tradições a respeito do nome do autor das *Demonstrações*. Contudo, o acréscimo “de Mar Mattay”, que não é atestado por nenhum outro testemunho, talvez indique que essa tradição seja independente das anteriores (Baarda, 1975). Quanto a Mar Mattay, é conhecido, por outras fontes, a existência de um mosteiro com este nome, que foi, durante certo tempo, a residência do bispo de Nínive. Todavia, as listas disponíveis com os nomes de bispos dessa cidade remontam apenas até a segunda metade do século V. Para Pierre, a confusão pode ter se originado de um mal-entendido entre Nínive e Nisibe, de modo de os escritos de Jacó de Nínive foram tomados como sendo de Jacó de Nisibe (Pierre, 1988).

De fato, qualquer que tenha sido o nome do autor das *Demonstrações*, sua obra leva a crer que ele viveu em uma região de língua siríaca, fora das fronteiras do Império Romano, em território sob domínio Sassânida. Essa informação pode ser colhida nas menções a Sapor II, rei da Pérsia, na chamada “carta sinodal” (DEM XIV,50), na datação de seu segundo volume das *Demonstrações* (DEM XXII,25) e na XXIII *Demonstração* (Baarda, 1975).

É possível que tenha pertencido a uma ordem existente na igreja siríaca de seu tempo, conhecida como *bnay qyâmâ, filhos da aliança*, os quais ele chama de “meus irmãos” (p. ex.: DEM VI,4). Essa ordem implicava o celibato e um estilo de vida ascético. No mais, pelo fato de ter sido ele o encarregado de escrever a “carta sinodal”, também é possível pensar que tenha chegado a exercer alguma autoridade eclesial.

De acordo com Pierre (1988), Afrahat teria nascido no início do século IV, de pais pagãos. Convertido, ele teria se tornado monge, chegando a ser superior de seu mosteiro, e constituído na dignidade episcopal. A autora também pensa que o nome Jacó seja exato; só não é certa sua identificação com Jacó de Nisibe, ou ainda que esse seja o nome que escolheu ao tornar-se monge (Pierre, 1988).

Além dessas especulações, é interessante notar o que o autor escreve sobre si mesmo. Ele se apresenta, ainda que indiretamente, como um “sábio” (*ḥkym*; DEM XXII,26), isto é, alguém voltado ao estudo e à instrução, e, portanto, também um “instrutor”. Todavia, ele próprio ensina que o estudo não pode ser uma finalidade para o cristão: não é suficiente aprender a ler as Escrituras, é preciso colocá-las em prática (DEM XIV,17) (Baarda, 1975).

As inúmeras citações das Escrituras presentes nas *Demonstrações* fazem dessa obra um testemunho de primeira grandeza do texto bíblico que esteve em circulação entre os cristãos do século IV, na região de língua siríaca sob controle Sassânida. De fato, esse escrito reúne as condições que lhe garantem uma posição singular entre os testemunhos do texto bíblico em siríaco em épocas mais remotas. Além de ser uma obra que se pode localizar no tempo e no espaço, ela foi conservada em manuscritos bastante antigos e posteriores em cerca de 150 anos ao tempo do autor. Ainda que esse tempo seja suficiente para que o texto possa ter sido emendado, ele representa um intervalo relativamente breve para uma obra de tal antiguidade. Ademais, para cada uma das *Demonstrações* há pelo menos dois manuscritos, o que permite a comparação entre eles (Baarda, 1975).

As *Demonstrações* se dividem em duas partes, compostas dos seguintes tratados:

– 1ª parte: *Demonstrações* I-X: I – Sobre a fé; II – Sobre o amor; III – Sobre o jejum; IV – Sobre a oração; V – Sobre as guerras; VI – Sobre os membros da ordem; VII – Sobre os penitentes; VIII – Sobre a ressurreição dos mortos; IX – Sobre a humildade; X – Sobre os pastores.

– 2ª parte: *Demonstrações* XI-XXII: XI – Sobre a circuncisão; XII – Sobre a Páscoa; XIII – Sobre o sábado; XIV – Carta sinodal; XV – Sobre a distinção dos alimentos; XVI – Sobre a eleição; XVII – Sobre o Messias, Filho de Deus; XVIII – Sobre a virgindade; XIX – De que os judeus já não mais serão reunidos; XX – Sobre a assistência aos pobres; XXI – Sobre a perseguição; XXII – Sobre a morte e os últimos tempos.

Há ainda a XXIII *Demonstração* (Em um cacho de uvas) que vem a seguir, mas separada dos dois conjuntos (Parisot, 1894; Pierre, 1988)<sup>5</sup>.

Em Genádio, além da notícia de que o autor das *Demonstrações* é Jacó de Nisibe, também aparece a notícia que sua obra é composta de 26 tratados. Ao citar estes tratados, no entanto, Genádio enumera apenas 23. É possível que essa diferença seja o resultado de um mal-entendido. Os tratados seriam em número de 22, segundo as letras do alfabeto siríaco, mais um último tratado. Genádio teria tomado o número de letras de outro alfabeto, chegando ao número de 26 (Parisot, 1894; Pierre, 1988; Wright, 1869).

Há dois manuscritos em siríaco que trazem as *Demonstrações*, conhecidos como manuscrito A e manuscrito B, e ainda o manuscrito C, que traz apenas uma pequena parte das *Demonstrações*. Os manuscritos A e B são provenientes do Mosteiro da Santa Mãe de Deus dos Sírios, localizado no deserto da Nitreia, no Egito, e foram adquiridos pelo Museu Britânico.

O manuscrito A chegou ao Museu Britânico em 1843 (BM Add. 14.619). É um manuscrito do século VI, escrito com o alfabeto estranguelo<sup>6</sup>. O manuscrito B foi adquirido em 1847 (BM Add. 17.182) e, de fato, é formado por dois manuscritos. O primeiro contém as dez primeiras *Demonstrações*; o segundo contém as demais, exceto por uma lacuna que vai da *Demonstração* XI até o meio da *Demonstração* XIII. Esse manuscrito também está escrito em estranguelo e suas duas partes estão datadas, respectivamente 474 e 510<sup>7</sup>. Quando é necessário diferenciar suas duas partes, usa-se B (primeira parte) e B (segunda parte). O manuscrito C, datado de 1364, contém uma longa citação da *Demonstração* XXIII. Também ele pertence ao Museu Britânico (Ms. Orient. 1017) (Baarda, 1975; Pierre, 1988).

Nesses manuscritos, pode-se contar ainda com as informações a seguir.

Quanto ao manuscrito A, seu primeiro fólio está danificado. Aí, uma segunda mão deixou uma nota, escrita entre as colunas, identificando a primeira *Demonstração* do Sábio persa sobre a fé, que foi escrita quando seu discípulo lhe pediu para expor os mistérios escondidos nos livros santos da santa Igreja. No final da XXII *Demonstração*, em uma breve epígrafe, o escriba deixou registrado seu nome: Zaqueu. No final da XXIII *Demonstração*, há uma doxologia seguida de mais uma epígrafe que diz que esta carta (a presente *Demonstração*) é do Sábio persa e foi enviada por ele ao superior de um mosteiro (Parisot, 1894; Pierre, 1988; Wright, 1869).

No manuscrito B, no final da X *Demonstração* aparecem três inscrições. A primeira é o colofon do escriba, que também acrescentou uma breve doxologia: “Completo-se de escrever este escrito: as primeiras cartas do Sábio persa, que são em número de dez. Glória ao Pai, e ao Filho e ao Espírito de Santidade, pelo século dos séculos. Amém”. Seguem outras duas inscrições, mais recentes, que ajudam a retrair a história do manuscrito. Aquela que vem logo após a doxologia do escriba diz o seguinte: “Comprou este livro em Riš’ainâ, Moisés, o pecador, superior do mosteiro dos sírios no deserto de ‘Sqtâ, para seu mosteiro, para que Deus seja propício a ele e a seus companheiros. Não é permitido a ninguém o retirar deste mosteiro, nem de apagar esta advertência. E todo aquele que o transgredir, que o anátema seja sobre ele até que o devolva”. A terceira se encontra no verso do mesmo fólio, mas é provavelmente mais antiga que a segunda. Ela conta que o manuscrito foi comprado por Mar Menin, presbítero da igreja do povoado de Harištâ, e ainda que ele foi terminado no mês de *elul* de 785 (setembro de 474), em Edessa, e pertenceu a certo Išo’. O manuscrito traz

<sup>5</sup> Uma apresentação mais detalhada do conteúdo de cada uma das *Demonstrações* pode ser encontrada em Parisot, J. *Aphraatis Sapientis Persae Demonstrationes*, I (1894), p. xxiii-xxviii. Pierre (1988, p. 55-65), por sua vez, procura mostrar a lógica interna das *Demonstrações*, seja em sua divisão em duas partes, seja na ordem dos tratados em cada uma das partes.

<sup>6</sup> Estranguelo é o nome de um dos três alfabetos siríacos, o mais claro e elegante dentre eles.

<sup>7</sup> 512, de acordo com Wright (1869, p. 13-14).

ainda outras duas inscrições bem mais recentes, uma em árabe (fólio 59v<sup>o</sup>), outra em siríaco (fólio 21v<sup>o</sup>). Alguns fólhos do manuscrito se perderam, sendo que um deles, o fólio 7, foi substituído por outro, assinado ao século IX (Parisot, 1894; Pierre, 1988; Wright, 1869).

Na segunda parte do manuscrito ou manuscrito B, no fólio 116v<sup>o</sup>, há uma decoração: uma cruz formada com as palavras *šwm'*, *jejum*, *šlwt'*, oração, *šlm'*, *imagem*, e *šlyb'*, *cruz*. Todas começam pela letra *š* que se encontra no centro da cruz. No fólio 129<sup>o</sup>, aparece esse mesmo tipo de decoração com a palavra Daniel. No fólio 174<sup>o</sup>, aparece o nome "Abraão bar Nono", escrito entre as colunas. Na mesma página, figura o cólofon com o seguinte texto: "Completo-se de escrever neste escrito todas as cartas de Mar Jacó, o sábio persa, que são em número de vinte e duas, segundo o alfabeto, e uma sobre o cacho. Glória ao Pai, e ao Filho e ao Espírito de Santidade, pelo século dos séculos. Amém". No verso, há uma nota em cursivo, de difícil leitura e na qual todos os topônimos desapareceram. É aí que está a informação de que o manuscrito foi terminado no mês de *canun* de 823 dos gregos (janeiro de 510). Faltam os oito primeiros fólhos do manuscrito (Parisot, 1894; Pierre, 1988).

O assim chamado manuscrito C contém, em sua primeira parte, uma seleção de obras de Bar Hebraeus. Na segunda parte, aparecem obras de cronistas, entre as quais está a primeira parte da XXIII *Demonstração* (Parisot, 1894).

Além dos manuscritos em siríaco, há ainda algumas versões antigas das *Demonstrações*. A mais importante dentre elas é a versão armênia, que remonta ao século V. Nessa versão, a *Carta de pedido* vem precedida de uma apresentação, que desapareceu ou não existe em siríaco. Nela, o autor das *Demonstrações* é identificado como Jacó de Nisibe e aquele que lhe escreve pedindo sua instrução como Aristarcos, filho de Gregório, o Iluminador, tido como o evangelizador da Armênia (Pierre, 1988).

As outras versões são apenas parciais. Ao etíope, é conhecida a tradução da *Demonstração* V (Sobre as Guerras), que aparece em um manuscrito da Biblioteca Nacional de Paris (Eth. 146, fols. 245v<sup>o</sup>-252r<sup>o</sup>), assinado ao século XVIII (Parisot, 1894). Já a *Demonstração* VIII (Sobre a Ressurreição dos mortos) aparece no ms. Palatino Or. 148, da Biblioteca Laurentina, em Florença. Nesse manuscrito, essa *Demonstração* figura como um opúsculo, em separado, entre outros escritos de caráter diverso e, ao que parece, sem o nome do autor<sup>8</sup>. Os fólhos do manuscrito em que a *Demonstração* foi preservada (165r<sup>o</sup> -172v<sup>o</sup>) datam da primeira metade do século XV (Cerulli, 1964).

Também é conhecida uma versão georgiana da *Demonstração* VI, sob o nome de Hipólito. Em árabe, existem traduções parciais das *Demonstrações* II, III, IV, VI e IX, atribuídas, porém, a Efrém (Pierre, 1988).

Quanto às publicações das *Demonstrações*, o texto siríaco foi publicado por William Wright (*The Homilies of Aphraates, the Persian Sage*. Edited from Syriac Manuscripts of the fifth and sixth century in the British Museum, with an English translation. London, Williams & Norgate, 1869) e por J. Parisot (*J. Aphraatis Sapientis Persae Demonstrationes*. Textum syriacum vocalium signis instruxit, latine vertit, notis illustravit Ioannes Parisot. Paris, Firmin Didot. Patrologia Syriaca I,1 - 1894; I,2 - 1907).

A versão armênia conheceu duas edições. A primeira foi de N. Antonelli (*Sancti Patris nostri Iacobi, episcopi Nisibeni, Sermones*. Cum præfatione, notis et dissertatione de Ascetis, quae omnia nunc primum in lucem prodeunt. Roma, S. C. de Propaganda Fide, 1756). Esta edição apareceu uma segunda vez em Veneza, em 1765, e novamente na *Bibliotheca veterum Patrum*, de Gallandi, V,i-clxiv

<sup>8</sup> De acordo com Pierre (1988, p. 46), ambas as *Demonstrações* traduzidas ao etíope trazem o nome de Jacó de Nisibe.

(Veneza, 1788). Somente o texto armênio foi publicado ainda uma vez, em Constantinopla, em 1824. A segunda edição é de Guy Lafontaine (*La version arménienne des œuvres d'Aphraate le Syrien*. 3 vols. Corpus Scriptorum Christianorum Orientalium 382-383. 405-406. 423-424, scriptores armeniaci 7-12. Louvain, Secrétariat du CSCO, 1977, 1979, 1980).

Quanto às demais versões, apenas parciais, a versão etíope foi publicada por Francisco Maria Esteves Pereira (Jacobi, episcopi Nisibeni, Homilia de adventu regis Persarum adversus urbem Nisibis. In *Orientalische Studien: Theodore Nöldeke zum siebzigsten Geburtstag* (2. März 1906) gewidmet von Freuden und Schülern und in ihrem Auftrag herausgegeben. Gieszen: Alfred Töpelmann, 1906) e por Enrico Cerulli (Enrico. "De resurrectione mortuorum" Opuscolo della chiesa etiopica del sec. XIV, in *Mélanges Eugène Tisserant*. Vol. II – Orient Chrétien, 1re partie. Studi e Testi 232. Città del Vaticano, Biblioteca Apostolica Vaticana, 1964).

As edições da versão georgiana foram feitas por Gérard Garitte (L'entretien VI d'Aphraate en géorgien. *Bedi Kartlisa*. Georgia, v. 45-46, 1964, e La version géorgienne de l'Entretien VI d'Aphraate, *Le Muséon*. Louvain, v. 77, 1964). As edições da versão árabe, por sua vez, foram feitas por Joseph-Marie Sauget (Le dossier éphrémien du manuscrit arabe de Strasbourg 4226 et ses membra disiecta. *Orientalia Christiana Periodica*. Roma, v. 42, 1976, e Entretiens d'Aphraate en arabe sous le nom d'Éphrem. *Le Muséon*. Louvain, v. 92, 1979).

## A exegese de Afrahat

A exegese de Afrahat se caracteriza pelo seu modo de argumentação: a demonstração, compreendida sobretudo como multiplicação de exemplos. Essa maneira de argumentar é típica da Antiguidade clássica, sendo encontrada em cultura semítica, grega e latina. Ela consiste na apresentação de "listas de exemplos" que, tomados em seu conjunto, constituem os testemunhos ou provas que mostram a veracidade da argumentação. No Novo Testamento, um bom exemplo deste modo de argumentação se encontra na Carta de Tiago.

Em geral, os exemplos de Afrahat são tomados das Escrituras. Algumas vezes, eles aparecem na forma característica de "série comparativa": duas realidades ou personagens colocadas em paralelo, em maneira tipológica, quase sempre com Jesus como segundo termo. Essas séries comparativas podem ser construídas em simetria ou em oposição, do mesmo modo que as listas de exemplos também podem ser de contraexemplos. Em Afrahat, este modo de argumentação atinge um de seus pontos altos, uma vez que ele soube imprimir-lhe um toque pessoal que se caracteriza, de um lado, por uma cadência rítmica; de outro, pela abundância de exemplos (Pierre, 1988).

Quanto a esse modo de basear sua argumentação nas Escrituras, assim se expressa Baarda (1975, p. 10, tradução própria):

Nas demonstrações, ele quer mostrar a *evidência*, a partir das Escrituras, do modo de vida e do modo de pensar cristão. Para cumprir essa tarefa, ele cita continuamente textos bíblicos. Às vezes, parece que está colocando contas em um cordão, tão numerosas são as passagens às quais ele aduz, tanto do Antigo quanto do Novo Testamento. 'Como está escrito [...] é quase sempre a palavra decisiva em seus argumentos<sup>9</sup>.

Quanto à cadência rítmica, o modo de escrever de Afrahat segue o modelo da tradicional retórica semítica, com paralelismos, quiasmos, e mesmo certas aliterações que parecem transformar

<sup>9</sup> No original: *In his homilies, he wishes to give the evidence from the Scripture for the Christian way of life and way of thinking. In order to fulfill this task, he continually quotes from the Biblical texts. It looks sometimes as if he is threading beads on a string, so numerous are the passages which he adduces from both the Old and New Testament. 'As it is written [...]' is often the decisive word in his arguments.*

sua prosa em poema. Valavanolickal chama a atenção para o fato de que, com frequência, as exortações de Afrahat seguem uma estrutura sintática balanceada, com quatro elementos, nesta sequência: (1) a quem a exortação se dirige; (2) a exortação; (3) o propósito da exortação; (4) novo propósito da exortação (2005)<sup>10</sup>.

Afrahat cita quase toda a Bíblia. Parisot fez uma lista dos escritos bíblicos citados por Afrahat e daqueles dos quais possa haver alguma alusão, casos em que, dada a generalidade da referência, há margem para alguma dúvida. Do Antigo Testamento, há referências a quase todos os escritos, inclusive àqueles que não fazem parte da Bíblia Hebraica, como Judite e Tobias. Do Novo Testamento, também há referências a quase todos os escritos, conforme o antigo cânon da Igreja siríaca, que não incluía o Apocalipse e algumas cartas católicas (2Jo, 3Jo, 2Pd, Jd) (1894).

Parisot também buscou identificar a versão das Escrituras citada por Afrahat (1894). Para o Antigo Testamento, é a Pechita, a mais importante versão das Escrituras das igrejas siríacas até a atualidade. Para o Novo Testamento, também é a Pechita, a exceção dos evangelhos, pois, nesse caso, a questão se torna mais complexa, uma vez que existiu, na igreja siríaca, duas versões dos evangelhos anteriores à Pechita: a Harmonia Evangélica Siríaca, que remonta ao Diatessaron de Taciano, chamada de *Euangelion da-Meħalleṭe* (evangelho misturado), e a Antiga Versão Siríaca, chamada de *Euangelion da-Mefarreše* (evangelho separado)<sup>11</sup>. De acordo com Petersen (1994a), em sua obra complexiva sobre o Diatessaron de Taciano, Afrahat cita a partir da Harmonia Evangélica Siríaca, à qual ele se refere com o sugestivo nome de “Evangelho de nosso Salvador” (DEM I,10)<sup>12</sup>. Assim, o mais provável é que Afrahat cite, “senão exclusivamente, ao menos maioritariamente”, a partir da Harmonia Evangélica Siríaca que gozava de autoridade na igreja siríaca à sua época, o que se pode comprovar pelas semelhanças entre as citações evangélicas nas *Demonstrações* de Afrahat, e no *Comentário ao Evangelho concordante*, de Efrém de Nisibe (Malzoni, 2005, p. 25)<sup>13</sup>.

Quanto à interpretação das Escrituras, “a exegese siríaca de Afrahat se situa em continuidade com a exegese tradicional do contexto que transmitiu o Antigo e o Novo Testamento: ela utiliza os mesmos métodos e as mesmas regras hermenêuticas, como também os mesmos procedimentos literários” (Pierre, 1988, p. 117)<sup>14</sup>. Nela, é possível identificar dois passos na metodologia de Afrahat. O primeiro consiste na interpretação literal, compreendida como *pšat* ou explicitação do sentido simples. O segundo passo é o da interpretação alegórica, num método semelhante ao do *midrax* *haggadá*. Essa interpretação é destinada ao ensino e consiste na aproximação de passagens paralelas no intuito de fazer aparecer a coerência interna das Escrituras: Antigo e Novo Testamento (Parisot, 1894; Pierre, 1988). A partir de outra perspectiva, Valavanolickal (2005), acadêmico indiano, observa que o ponto de partida de Afrahat não são as Escrituras, mas sim as necessidades da comunidade para a qual ele escreve, conforme ele as interpreta. Tais situações são iluminadas pelas Escrituras.

<sup>10</sup> Valavanolickal exemplifica essa estrutura na DEM XIV, 16.

<sup>11</sup> Baarda faz um extenso balanço das posições dos estudiosos sobre o assunto, a começar com o estudo de Paul de Lagarde, de 1857 (1975, p. 11-54). Esse itinerário foi marcado, de modo decisivo, pela publicação dos dois manuscritos da Antiga Versão Siríaca, em 1858 e em 1910, e do comentário de Efrém ao Evangelho Concordante, em seu original siríaco (1963 e, posteriormente, em 1990). Esse balanço já não é atual, mas, depois dele, não houve nova publicação significativa.

<sup>12</sup> Em outro texto, Petersen apresenta a mesma conclusão (1994b, p. 91).

<sup>13</sup> A expressão “igreja siríaca”, no singular, se aplica a essa igreja na Antiguidade; a expressão “igrejas siríacas”, no plural, se aplica às igrejas que surgiram com as divisões pós-concílio de Calcedônia, em 451. Uma apresentação das versões siríacas das Escrituras, bem como dos principais escritos da literatura siríaca antiga pode ser encontrada em C. V. Malzoni. *Jesus: Messias e Vivificador do mundo*. Paris: Gabalda, 2005. p. 17-40.

<sup>14</sup> L'exégèse syriaque d'Aphraate se situe en continuité avec l'exégèse traditionnelle du milieu porteur de l'Ancien et du Nouveau Testament ; elle utilise les mêmes méthodes et les mêmes règles herméneutique, les mêmes procédés littéraires aussi.

Se é possível estabelecer laços comparativos entre o método de interpretação de Afrahat e da exegese judaica, também é possível encontrar, em sua obra, inúmeras tradições interpretativas igualmente atestadas pela literatura rabínica e pelos targumin (Parisot, 1894)<sup>15</sup>. Tal encontro de tradições em Afrahat faz dele um autor cristão singular, proveniente de uma região de cultura semítica na qual o cristianismo esteve por um longo tempo em contato com populações judaicas.

Afrahat parece deixar transparecer que um dos objetivos de sua obra é alertar seus destinatários cristãos quanto à possibilidade de cair ou recair em práticas judaizantes como a circuncisão, as observâncias sabáticas, as regras de pureza ou a nostalgia do Templo. Tais destinatários são, sem dúvida, pessoas que conheciam o Antigo Testamento e, possivelmente, estavam habituadas à interpretação de tipo midráxica. Afrahat, contudo, de modo diverso das escolas rabínicas, faz uso somente do midrax *haggadá*. O midrax *halaká*, que consiste em prescrever regras de conduta, permanece ausente de sua obra (Pierre, 1988).

Para além das questões de metodologia e das tradições veiculadas, a exegese de Afrahat também aparece profundamente marcada pela conjuntura política e religiosa de seu tempo, sobretudo pelo longo reinado de Sapor II (de 310 a 379). A primeira metade desse período se caracterizou pela consolidação de seu poder internamente; o segundo pelas guerras de expansão (Pierre, 1988). Foi durante seu reinado que o zoroastrismo foi organizado como religião de estado. Cada distrito do Império tinha seu próprio sacerdote que desempenhava não apenas funções religiosas, mas também políticas. Foi nesse período que os sacerdotes recolheram as tradições a respeito do Avestá e lhe deram uma redação oficial e normativa (Valavanolickal, 2005)<sup>16</sup>. A partir de 340, Sapor II começou a perseguir os cristãos, identificados com os “inimigos do Ocidente”: os romanos e seu Império convertido ao cristianismo na figura de Constantino (Pierre, 1988). As *Demonstrações* foram escritas quando esse período de perseguições somente estava começando. Ele irá durar cerca de 40 anos e custar a vida a um número elevado de mártires cristãos.

A igreja persa passava então por uma crise interna agravada pela situação externa adversa. Com Papa, a igreja de Selêucia-Ctesifonte fizera já uma primeira tentativa de centralização das igrejas persas. Ao mesmo tempo, procurava conquistar sua autonomia em relação à igreja de Antioquia. O conflito se agravou quando Simeão bar-Sabba'ê passou a ocupar a sede de Selêucia-Ctesifonte. Ele parece querer agradar à autoridade política, mas não é bem aceito pela própria comunidade cristã. A situação se tornou explosiva quando Sapor II exigiu dos cristãos o pagamento em dobro do imposto de guerra. Simeão pensou em pagar, mas não conseguiu recolher dinheiro suficiente para fazê-lo. Seguiram outros decretos de Sapor II, ordenando a pilhagem de igrejas, a destruição daquelas que resistissem, a condenação à morte dos *católicos*<sup>17</sup> de Selêucia-Ctesifonte e uma longa e duríssima perseguição (Pierre, 1988).

Também é possível pensar que Afrahat tenha participado de alguns debates típicos do judaísmo de seu tempo. Em sua obra, ele teria tratado de questões candentes desse debate, dando sua própria resposta. Entre essas questões estaria a discussão sobre o valor a ser atribuído às observâncias legais, sobre a espera do Messias e a reconstrução de Jerusalém e do Templo. Afrahat acusa os judeus de terem rejeitado o Decálogo em proveito de uma infinidade de regulamentações sem sentido perene. Já o desejo de reconstruir Jerusalém, para Afrahat, não tem nenhuma razão de ser. A partir de Ezequiel 16,55, ele compara Jerusalém a Sodoma e Gomorra: a cidade ficará para

<sup>15</sup> Pode-se encontrar uma lista destas tradições elencadas por Parisot, que assinala que várias destas tradições aparecem também em Efrém (1894, p. xlix-li).

<sup>16</sup> Avestá ou Avesta é o nome dado à reunião dos escritos sagrados do zoroastrismo. Eles estão divididos em três partes: os *Gatha* ou hinos, atribuídos a Zoroastro, que são considerados a parte mais importante do *Avestá*; os *Yasht* ou preces, e os *Videvdát* ou lei dirigida contra os demônios (Soares, 2011, p. 123-125).

<sup>17</sup> Nome que se dava ao patriarca de Selêucia-Ctesifonte, a capital do Império Sassânida.

sempre em ruínas. E a própria Escritura condena aqueles que quiseram reconstruir a arca da aliança (Pierre, 1988).

O antijudaísmo de Afrahat não é um caso isolado nem na patrística siríaca, nem na patrística como um todo. Além dos judeus, Afrahat também polemiza, mas em menor medida, com valentinianos, marcionitas e maniqueístas (DEM III,9) (Wright, 1869).

Resta dizer que, possivelmente, Afrahat tenha escrito sua obra, à exceção da carta sinodal, tendo em vista, como destinatários, uma comunidade de *bnay qyâmâ, filhos da aliança* (Pierre, 1988). Esse estilo de vida incluía o celibato e era proposto tanto para homens como para mulheres (*bnât qyâmâ, filhas da aliança*), como se vê nestas palavras de Afrahat: “Este conselho que tomo para mim mesmo é certo, adequado e correto também para ti, meu amado irmão solitário, que não tomas esposa, e a vós, virgens, que não estão com maridos” (DEM VI,4). Nesse sentido, também é possível encontrar em sua obra uma primeira manifestação da espiritualidade própria do cristianismo siríaco, bem como um testemunho de um modo de vida religiosa que floresceu nas regiões da Mesopotâmia e da Pérsia em seu tempo (Albert, 1993)<sup>18</sup>.

Para terminar, vale uma citação da primeira *Demonstração*, sobre a fé:

A palavra como também o discurso do Senhor é Cristo, como está escrito no início do Evangelho do nosso Salvador: No princípio era a Palavra. Novamente, sobre a luz que ele testemunhou: A luz brilhava nas trevas e as trevas não vieram sobre ela. [...] Novamente ele disse: Eu sou a luz do mundo. Ele também disse: Ninguém acende uma lâmpada e a coloca debaixo do alqueire ou debaixo da cama ou a coloca em um lugar escondido, mas põe-na no candelabro para que todos vejam a luz da lâmpada. A lâmpada brilhante é Cristo, como disse Davi: Lâmpada para os meus pés é a tua palavra e luz para as minhas veredas (DEM I,10).

## Considerações Finais

Afrahat viveu em um mundo distante do nosso, seja geograficamente, seja cronologicamente. Que interesse, então, sua vida e sua obra podem despertar, ainda mais quando se pensa que os dados biográficos de sua pessoa são escassos e inseguros? De fato, não se sabe ao certo nem mesmo qual teria sido seu nome. Como foi visto, de acordo com alguns testemunhos, ele se chamava Jacó, de acordo com outros, seu nome era Afrahat. O mais comum foi encontrar para ele a alcunha de “o sábio persa”. Ausentes esses dados episódicos de sua vida, nem por isso se sabe pouco sobre ele, pois, de sua obra, se pode colher um retrato de sua época.

O Sábio persa foi alguém que viveu em condições muito adversas para um cristão. A dinastia sassânida, ávida de expansão, deparava-se, ao oeste, com o Império Romano, recém-convertido ao cristianismo. Os cristãos persas foram, então, identificados com o inimigo. E, no entanto, o cristianismo siríaco tinha características próprias que o distinguiam do cristianismo ocidental. Dentre essas características sempre se destaca a tendência ascética. Foi talvez graças a ela que esse cristianismo, através dos séculos, conseguiu sobreviver, fazendo frente a hostilidades vindas de muitas frentes.

Outra característica típica do cristianismo siríaco foi sua proximidade com o judaísmo em seus métodos de interpretação das Escrituras, muito embora essa proximidade também tenha se revelado como um rechaço do judaísmo em si. Se esse rechaço não foi exclusividade do cristianismo siríaco, nem por isso se torna justificável.

<sup>18</sup> Para quem se interessa pelo cristianismo siríaco e sua literatura, há, atualmente, o site “An annotated bibliography of Syriac resources online” (<https://syri.ac>) que reúne referências básicas sobre o assunto, indicações bibliográficas e links que reenviam para sites onde se pode encontrar obras de referência e estudos em extensão pdf.

As *Demonstrações* de Afrahat, por suas inúmeras citações bíblicas, são um precioso tesouro para o conhecimento do texto das Escrituras em circulação em seu tempo, tesouro ainda mais valioso dada a antiguidade dos manuscritos que conservaram sua obra. O que se pode dizer de toda a Escritura é ainda mais especial quando se considera o evangelho, visto que Afrahat cita majoritariamente, senão exclusivamente, a partir da Harmonia Evangélica Siríaca, herdeira do Diatessaron de Taciano. Para os estudiosos da obra de Taciano, as *Demonstrações* de Afrahat constituem parada obrigatória.

## Referências

- Albert, M. Langue et littérature syriaque. In: Albert, M. et al. *Christianisme orientaux: introduction à l'étude des langues et des littératures: initiations au christianisme ancien*. Paris: Cerf, 1993.
- Bento XVI, Papa. *Audiência geral*. Vaticano: Libreria Editrice Vaticana, 2007. Disponível em: [https://www.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/audiences/2007/documents/hf\\_ben-xvi\\_aud\\_20071121.html](https://www.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/audiences/2007/documents/hf_ben-xvi_aud_20071121.html). Acesso em: 25 jul. 2024.
- Cerulli, E. "De resurrectione mortuorum": opuscolo della chiesa etiopica del secolo XIV. In: *Mélanges Eugène Tisserant*. Vaticano: Biblioteca Apostolica Vaticana, 1964. p. 1-27. (Orient Chrétien, v. II, 1re partie).
- Malzoni, C. *Jesus: Messias e Vivificador do mundo: Jo 4,1-42 na Antiga Tradição Siríaca*. Paris: Gabalda, 2005.
- Parisot, J. *Aphraatis Sapientis Persae Demonstrationes*. [S. l.]: Firmin-Didot et socii, 1907. (Patrologia Syriaca I,1 – 1894; I,2 – 1907).
- Petersen, W. L. *Tatian's Diatessaron: its Creation, Dissemination, Significance, and History in Scholarship*. Leiden; New York; Köln: Brill, 1994a.
- Petersen, W. L. The Diatessaron of Tatian. In: Ehrman, D.; Holmes, W. (ed.). *The Text of the New Testament in Contemporary Research: Essays on the Status Quaestionis*. Grand Rapids: Eerdmans, 1994b.
- Pierre, M.-J. *Aphraate le Sage Persan. Les exposés*. Tome I – *Exposés I-X*. Traduction du syriaque, introduction et notes. Sources Chrétiennes 349. Paris: Cerf, 1988.
- Soares, D.O. *A apocalíptica no zoroastrismo, no judaísmo e no cristianismo: uma análise das relações entre o Avesta, Dn 12,1-3 e Mt 27,51b-53 quanto à ideia da ressurreição*. 2011. 387 f. Tese (Doutorado em Teologia) – Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2011.
- Valavanolickal, K. *Aphrahat Demonstrations*, I. Kerala: Ephrem Ecumenical Research Institute, 2005.
- Wright, W. *The Homilies of Aphraates, the Persian Sage*. London: Williams & Norgate, 1869.